

MEU PESCOÇO É UM HORROR

Meu pescoço me horroriza. Sério. Se você visse o meu pescoço se horrorizaria também, mas provavelmente seria gentil demais para demonstrar. Se eu tocasse no assunto com você -- dissesse, por exemplo, “Detesto o meu pescoço” -- com certeza você responderia com uma amenidade do tipo “Não vejo por quê”. Você estaria mentindo, é claro, mas eu a perdoaria. Estou sempre dizendo mentiras iguais – a maioria para amigas que me dizem que estão chateadas por terem bolsas sob os olhos, ou papadas, ou rugas, ou pneus, e me perguntam se deveriam fazer uma plástica nos olhos, ou um lifting no rosto, ou uma lipoaspiração, ou tomar uma injeção de botox. Minha experiência é que “Não vejo por quê” é um código: “Entendo o que quer dizer, mas você está louca se acha que vai me forçar a entrar nesse papo. Todo o mundo sabe que é difícil tocar nesses assuntos. Se eu respondesse “Sei exatamente o que você quer dizer”, talvez minha amiga saísse dali e fosse fazer uma plástica nos olhos, por exemplo, e talvez não desse certo, e ela acabasse como uma dessas pessoas que viram notícia em jornais sensacionalistas porque foram parar na Justiça, processando seus cirurgiões plásticos porque nunca mais puderam fechar os olhos. Além disso, e isto é o mais importante “Fui a culpada”. Sou particularmente sensível ao aspecto “Minha culpa” porque jamais perdoei uma de minhas amigas por me aconselhar a não comprar um ótimo apartamento na rua Setenta e Cinco Leste em 1976.

Às vezes saio para almoçar com as meninas – escrevi a frase até aqui e parei. Suponho que quisesse dizer “com minhas amigas”. Não somos mais meninas e deixamos de ser há quarenta anos. Enfim, às vezes saímos para almoçar e corro os olhos pela mesa e vejo que todas estamos usando suéteres de gola rulê. Outras vezes todas estamos usando écharpes à la Katherine Hepburn em *Num lago dourado*. Ainda outras, estamos todas usando golas chinesas e parecemos uma versão americana de *O clube da felicidade e da sorte*. É meio engraçado e meio triste, porque não somos neuróticas com relação ao envelhecimento – nenhuma de nós mente sobre a idade, por exemplo, e nenhuma de nós se veste de maneira imprópria para nossa faixa etária. Parecemos ter a idade que temos. Exceto pelo pescoço.

Ah, os pescoços. Há pescoços de galinha. Há pescoços de peruas. Há pescoços de elefantas. Há pescoços quadriculados de rugas e pescoços com dobras e pescoços com sulcos que ameaçam virar dobras. Há pescoços magrelos e pescoços gordos, pescoços enrugados, pescoços fibrosos, pescoços murchos, pescoços flácidos, pescoços sardentos. Há pescoços que são uma espantosa combinação de tudo isto. Meu dermatologista diz que o pescoço começa a enfear aos quarenta e três anos e pronto. Pode-se usar maquiagem no rosto e corretivo sob os olhos e tinta

nos cabelos, pode-se injetar colágeno, botox e restileno nas rugas e sulcos, mas, à exceção de uma cirurgia, não há nada que se possa fazer pelo pescoço. O pescoço é um delator infalível. Nossos rostos são a mentira e nossos pescoços a verdade. Não preciso cortar uma árvore para descobrir sua idade, mas isto seria desnecessário se ela tivesse pescoço.

Minha experiência pessoal com o pescoço começou logo depois que fiz quarenta e três anos. Submeti-me a uma operação que me deixou uma horrível cicatriz acima da clavícula. Foi uma experiência chocante, porque aprendi, a duras penas, que o fato de um cirurgião ser famoso não significa que ele tenha o menor talento para costurar pessoas. Se a leitura deste capítulo não lhe ensinar nada, caro leitor, aprenda ao menos o seguinte: nunca faça uma operação em parte alguma do seu corpo sem pedir a um cirurgião plástico que se mantenha alerta na sala de cirurgia. Mesmo que sua operação decorra de um problema sério ou potencialmente grave, mesmo que você acredite que a saída está acima da vaidade, mesmo que você recobre a consciência em um hospital, incrivelmente feliz por não ter câncer, mesmo que você se sinta eufórica, grata por estar viva, tocada por uma ofuscante lucidez sobre o que é ou não importante, mesmo que você jure que se sentirá eternamente contente por continuar na Terra e prometa nunca mais se queixar de nada, garanto que em breve, mais cedo do que imagina, irá se mirar no espelho e pensar que odeia essa cicatriz.

Estou supondo, naturalmente, que você irá se mirar no espelho. Este é mais um dado que observei depois de certa idade: faço o possível para não encarar o espelho. Se passo por algum, desvio o meu olhar. Se preciso olhar, começo a apertar os olhos, porque se houver alguma coisa ruim refletida, já estou a meio caminho de fechar os olhos para evitar tal visão. E se a iluminação for boa (e espero que não seja), com frequência faço o que tantas mulheres da minha idade fazem ao se verem diante de um espelho: repuxo levemente a pele do pescoço e observo melancólica a versão mais jovem de mim mesma. (Aliás, tem outra coisa que percebi: se você quiser ficar realmente deprimida com o seu pescoço, sente-se no banco traseiro do carro, bem atrás do motorista e olhe-se no espelho retrovisor. Qual é o problema dos espelhos retrovisores? Não sei o porquê, mas não existem espelhos piores para refletir os pescoços. É um dos mistérios genuinamente intrigantes da vida moderna, em pé de igualdade com a razão da água ser mais fria no banheiro do que na cozinha.)

Voltemos ao meu pescoço. Não dele que estou falando. E sei que você está pensando: por que não procurar um cirurgião plástico? Vou contar. Se você procurar um cirurgião plástico e disser: "gostaria que o senhor desse um jeito no meu pescoço", ele lhe responderia imediatamente que não pode dar jeito algum sem operar também o rosto. E ele não está mentindo. Não está abusando de sua credulidade para faturar. O problema é uma grande bola de neve. Se você estica o pescoço, precisa esticar também o rosto. Mas

não quero operar o meu rosto. Se eu tivesse um rosto redondo e cheinho, enfrentaria uma cirurgia a quem tem o rosto assim a candidata perfeita para entrar na faca. Infelizmente, porém, tenho o rosto fino e magro, e se eu fizesse uma plástica, sem dúvida o meu pescoço melhoraria, mas o meu rosto ia acabar repuxado e tenso. Prefiro apertar os olhos para não ver no espelho o rosto e o pescoço que tenho do que deparar com uma estranha que tem a aparência suspeita de um couro de tambor.

De vez em quando leio um livro sobre a idade, e a autora diz que o máximo envelhecer. A máxima o máximo ser sensata e sãbia e madura; o máximo chegar ao ponto em que se sabe o que tem valor na vida. Não suporto gente que afirma tais coisas. Em que estar pensando? Será que não têm pescoços? Não se cansaram de vestir roupas para compensar a deficiência? Não se incomodam de serem forçadas a descartar noventa por cento das roupas que comprariam simplesmente por causa do pescoço? Não se entristecem por precisarem comprar gargantilhas? Um dos meus maiores arrependimentos a maior do que o de não comprar aquele apartamento na rua Setenta e Cinco Leste, maior ainda do que a minha maior catástrofe romântica a não ter passado a juventude admirando amorosamente o meu pescoço. Nunca me ocorreu sentir gratidão por ele. Nunca me ocorreu que um dia sentiria saudades de uma parte do corpo a que não dava a devida importância.

A verdade, naturalmente, que agora estou mais velha, ajuizada, sãbia e madura. E também a verdade que sinceramente compreendo o que tem valor na vida. Sabem o que a? O meu pescoço.